Para Laura, Pedro e Júlia

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ricaldes, João
Breve história da ética: de Sócrates a Paulo Freire / João Ricaldes. -- 1. ed. -- Mogi Mirim, SP: Ed. do Autor, 2021.

ISBN 978-65-00-23994-2

1. Ética - História 2. Ética (Moral filosófica) 3. Filosofia (Ética) 4. Freire, Paulo, 1921-1997 5. Sócrates - Ética I. Título.

21-67622 CDD-170.9

Índices para catálogo sistemático:

1. Ética: Filosofia: História 170.9

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária CRB-8/7964

Capa: Tainara Ricaldes

Revisão: Adilson Martins

Sumário

Apresentação 3
Introdução 4
Capítulo 1 – Sócrates 13
Capítulo 2 – Helênicos 24
Capítulo 3 – Medievais 33
Capítulo 4 – Modernos 41
Capítulo 5 – Contemporâneos 1 50
Capítulo 6 – Contemporâneos 2 54
Capítulo 7 – Contemporâneos 3 65
Capítulo 8 – Contemporâneos 4 76
Capítulo 9 – Contemporâneos 5 89
Capítulo 10 - Paulo Freire 96
Para finalizar 101
Exercícios de Ética 104
O autor 125
Bibliografia 126

Apresentação

Esse livro apresenta de forma sucinta, bem-humorada e enriquecedora, algumas reflexões sobre como viver melhor em um mundo melhor, formuladas por alguns dos mais importantes pensadores da humanidade, associadas a mentalidades e sensibilidades difusas em diferentes tempos históricos.

Você vai encontrar a teoria do Amor da filósofa Diotima, a teoria das três almas de Platão, as virtudes de Aristóteles no cotidiano, a busca do prazer e a recusa deste entre epicuristas, céticos e cínicos, além da ética religiosa dos tempos medievais. Em seguida, você poderá avaliar a ética capitalista, a utilitarista, além da ética política dos pensadores contratualistas e a crítica ética do socialismo, do anarquismo e do existencialismo, inclusive no Brasil. O que não falta aqui é ética. É uma viagem breve, mas intensa. Tudo o que você precisa levar é apenas a própria experiência. Eu te acompanharei como modesto guia de um turismo cultural ao passado da filosofia e das mentalidades. Ao final há ainda uma seleção de exercícios de ética que podem ser explorados secretamente pelo leitor.

Boa leitura!

João Ricaldes

Maio de 2021

Introdução

O corpo padece quando a cabeça não pensa, diz o velho ditado. O pensamento possui então, segundo a sabedoria popular, a vocação natural de remediar o sofrimento humano. Penso, logo curo. Não foi outra a motivação da conversão do pensamento mítico em pensamento filosófico na Antiguidade, isto é, a busca de uma vida melhor em sociedade.

Mas, ao que parece (talvez apenas aparência), a longa história do pensamento aparece ao grande público como algo distante, longe de sua essência salvífica, redentora, ou pelo menos atenuadora, capaz de reduzir os danos individuais de viver em civilização.

Sem rebaixar a nobre filosofia a breves e pretenciosas frases de efeito e, principalmente, sem negar a complexidade do problema humano, é preciso resgatar a potencialidade prática e, ao mesmo tempo, espiritual da história da filosofia, no que se refere especificamente ao rico segmento da Ética no imenso campo do saber racional. Para iniciar este breve relato histórico-filosófico, gostaria, portanto, de pontuar a relevância mesma da própria filosofia, com seus temas desafiadores, na vida pessoal, íntima e profissional.

Vamos a uma comparação introdutória, tomando a Biologia, a Psicologia e Filosofia na vida cotidiana. Você pode até não gostar de Biologia, jamais se interessaria em fazer uma licenciatura em Ciências Biológicas, mas certamente não poderá ignorar o conhecimento sobre vírus e

bactérias, nem como funcionam as vacinas no corpo humano, tema incandescente na pandemia de 2020 e 2021. Não se pode desprezar o acúmulo de conhecimento científico ao longo dos séculos. O risco é grande.

Você, cara leitora e caro leitor, pode não gostar de Psicologia e também recusaria uma graduação que te levaria ao posto de psicólogo (a) escolar, mas não poderá ignorar as fases cognitivas do desenvolvimento infantil, senão em seus alunos, certamente em seus filhos, que um dia os terá, nem poderá menosprezar a construção da imagem que você faz de si e dos outros, as fantasias sociais que orientam seu comportamento, consciente ou inconscientemente, assunto para a psicanálise contemporânea. O risco é intermitente.

Nestes dois exemplos já temos pelo menos dois temas que atravessaram os séculos da longa história da filosofia: o conhecimento e o engano, a ignorância e a mudança. Vivenciamos ininterruptamente a mudança: de criança para adultos, mudança de curso universitário e de emprego, de graduando para formando, de formando para profissional e deste para o desemprego, de que ninguém está livre, afinal. Mudança da angústia para a felicidade, da opressão para a libertação, individual e coletiva. Em toda mudança experimentamos a percepção do mundo e principalmente o jogo entre a aparência e a essência, revelação e ocultação, busca, tentativa, erro e acerto.

Assim, você também poderá não gostar de Filosofia, muito menos de filósofos, mas não poderá recusar ou desprezar estas questões em sua vida íntima e em suas relações sociais e profissionais, sob o risco de desperdiçar suas chances e oportunidades. São questões da Filosofia.

Imagine, você que já que acabou de ingressar ou está prestes a concluir um curso universitário, os testemunhos diferentes sobre o que era o curso quando começou e o que é agora. Parecia uma coisa (melhor ou pior), agora aparece como outra.

Já conviveu com pessoas ao seu redor que pareciam de um jeito para em seguida se revelarem de outro. Vai ocorrer, se já não se dá de fato, no trabalho, na família e na política, na religião ou no amor. Um romance que desvelou a pessoa, não era nada daquilo. Mais à frente um casamento, a crise dos sete anos (existirá mesmo?). Muitas vezes, a pessoa não mudou, foi você que insistiu em ver nela o que ela não tinha, foi você que projetou nela suas insatisfações, fantasias e desejos, até que descobriu que ela era apenas ela. Sua percepção do mundo é assim cambiante, viva e fatalmente comprometedora.

Mas o que terá determinado esta mudança? As aparências não enganam não, como dizia a música cantada pela saudosa Elis Regina? Você vai a reboque das mudanças, vai percebendo tardiamente, ou está no comando delas?

Sua decisão basta, querer é poder, ou há condicionantes? Condicionantes insuperáveis, contornáveis ou ilusórios. Seu destino é determinado, inclusive quando tenta se pôr no controle dele? Questões para as quais a filosofia oferece muitas, digamos, sugestões, não propriamente soluções.

Temos, por exemplo, a questão clássica sobre as causas do movimento. Aplica-se à natureza física, o que que levaria a Ciência se desprender da mãe Filosofia e, ao caminhar pelos séculos, encher o mundo de aparatos de controle da natureza, aparatos industriais. Aplica-se também à natureza humana, o que levaria as ciências humanas, primordialmente a Psicologia e a Psicanálise a também se desprender da mãe Filosofia e seguir seu caminho adulto e autônomo.

Temos aí uma grande questão, isto é, o divórcio entre a razão técnica e a ética. Livre das difíceis especulações filosóficas, o saber técnico debruçou-se sobre o mundo, construiu maravilhas, das quais não nos desvencilhamos mais, da eletricidade à penicilina, mas também gestou e pariu monstros, da bomba atômica às bombas que ingerimos em saquinhos coloridos e fedorentos de batata ou nos legumes "agrotoxicados". Maravilhas engendradas em sofisticados laboratórios, geradas nas plantas industriais, engrandecidas na publicidade, dispersas na logística. Maravilhas para controlar o mundo e que acabaram por controlar homens e mulheres, como a internet.

Por ora, voltemos às mudanças em nós. Mudanças em nossos propósitos, conquistas e fracassos, são fatores que inevitavelmente nos levam a pensar sobre o que, afinal, nunca mudou e nunca mudará em nosso espírito. Permanece o meu jeitinho que os amigos dizem, haverá algo em mim que me faz ser assim sempre, mesmo na velhice? E se permanece, de onde veio este Eu que me habita? De meus pais, da espécie humana, meu tipo sanguíneo, minha veia nordestina ou guarani, minha casa astral (astrologia), minha geração Z, Y ou Milenium?

Não sou assim, nasci bom, mas a sociedade corintiana me tornou assim (ou palmeirense, sem ofensas!). O negócio aqui no mundo é se adaptar e o mais adaptado vencerá. Se essa é a missão e a finalidade suprema, não importa os meios que usarei para cumprir meu destino à felicidade. Talvez até me importe apenas se a maior parte das pessoas também seja feliz, por mais tempo, ainda que alguns tenham que perder e sofrer, segundo a utilidade de uma matemática macabra. Não, não pode ser assim, a ação ética, justa, é um imperativo, não pode depender nas circunstâncias, senão é vazia, falsa.

Mas, pensando bem, não tenho muita paciência para a justiça e a verdade. Desde o princípio trago em mim a agressividade e a crueldade neandertal e, se deixarem viro monstro por inteiro, em conflito permanente com o monstro que também habita sua alma, leitor e leitora, o que nos revela presas e predadores eternos.

Não, não, na verdade eu nasci nada, vim tábula rasa, basta uma boa educação e eu me tornarei qualquer coisa, toda coisa que a educação impuser a este papel em branco que era eu quando vim a este mundo. Que nada, sou herdeiro compulsório do pecado original e, pela liberdade a mim concedida eu é que escolho Corinthians ou Palmeiras. E quanto à minha orientação sexual, é inata, aderente a minha identidade biológica ou sempre foi indeterminada, à deriva, sujeito às influências das novelas e dos professores?

Eis a questão de um milhão de dólares: existe uma essência, um Ser com maiúsculo, atemporal, uma substância, ideia, forma, um Ente, um não-sei-quê, mas existe, imutável. Ou não? Para além das gritantes diferenças entre gregos e baianos, cruzeirenses e alvinegros, há uma essência humana, apenas em diferentes manifestações, todos filhos de Deus. Porque tanta angústia no mundo, tanto sofrimento, então?

O Ser existe nesse mundo, o meu e o seu ser, na doença e na saúde, na riqueza e na pobreza, na alegria e na tristeza, sempre querendo ser mais do que somos, o que muitos confundem com ter mais. O tal Ser só existe na minha carne, na minha dor e na minha alegria. A simples constatação deste fato pode provocar um desassossego neste mundo, um mal-estar meu e seu nesta civilização.

Em diferentes momentos históricos, os pensadores trouxeram para a cena filosófica a felicidade e sua contrária, a dor ou angústia. O tema já foi burilado lá traz, pouco antes de Cristo vir ao mundo. Existo, desejo, mas o desejo traz frustração, dor. Melhor não desejar: *no desire, no pain*. Ou pelo menos, melhor aceitar, que dói menos. O mundo é assim mesmo (em sua essência?).

Seguiremos numa viagem no tempo em busca do mais sofisticado atributo da alma, o discernimento, fruto do conhecimento. Sobrevoando o Império helenístico para colher filosofias de vida, como o epicurismo, invadindo os tempos medievais, revirando os tempos modernos até alcançar a idade da razão fortalecida, onde nasceram Hobbes e Rousseau, para daí flagrar a peleja entre Adam Smith e Marx até a fase autocrítica da razão em movimento de retorno à emoção e a Deus, embalados nos ventos do romantismo e dos existencialismos, ateu em Nietzsche e Sartre, religioso em Kierkegaard e Paulo Freire. Ao final da longa e vertiginosa jornada, Simone de Beauvoir ainda nos brindará com uma revisão de todo o percurso.

Experimentaremos, então, a imersão na dimensão transcendente do pensamento e da vida que já habitou este mundo. Afinal, uma das mais sublimes e necessárias qualidades da existência humana é a capacidade de aprender com a própria experiência, isto é, atribuir-lhe significado, encontrar a razão de ser e de estar no mundo, desvendar as entranhas da alma, em busca da felicidade.

Mais elevada ainda é a aptidão de se deliciar no encontro com outras pessoas, de outros tempos, outros mundos, cuja reflexão potencializa a nossa vivência, seja por identificação, seja por negação, ponderação, suspensão do juízo ou arrebatamento da alma.

Se está com a sensação de que há mais dúvidas do que certezas, cara leitora, caro leitor, certamente chegou a hora de enfrentá-las. A começar por esta breve leitura, mas com certeza, a dúvida vai perdurar, fora deste livro, dentro de seu coração, no mundo tal qual se apresenta a seus olhos, a cada dia. Você vai fortalecer sua reflexão diária, o que os profissionais da saúde mental chamam de capacidade de elaborar a própria vivência. O corpo vai, certamente, padecer menos.